

Emc 81.2



O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurantes, Cafés, Bars e classes Conferentes

ANO II - N. 31

Rio de Janeiro, 1 de maio de 1918

REDAÇÃO
RUA DO SENADO, 215 - 217
Telefone - Central 1499

1886

- I: de MAIO -

1918



OS HOMENS MORREM AS IDEAS FICAM

O 1º de Maio

A evolução da Humanidade é assimilada com pégidas vermelhas, e a carne f�emente dos invadidores tem sido, pelos tempos em fóra, os alicerces de todas as conquistas, o padrão de todas as vitórias.

E' como que fatal: onde quer que cante uma Idéa, sorría a fogueira esperança de um Ideal, o algoz afia a lâmina terrível de suas ferramentas e a força ajita aos ventos os seus braços desnudos e trágicos...

E' sempre rubra a Aurora dos grandes acontecimentos. A Terra escaldá-se invariavelmente de sangue, antes que sobre ela paire a luz de um novo sol.

Parcece que a morte, com to o seu séquito de agonias e sublimidades, é o prenúncio das conquistas definitivas. O sangue que ela faz correr, sangue quente e jeneroso dos precursores, é a semelhança sublime das idéias. E amassado com ele que se elevam as grandes cidades dos idealistas, as aneidadas realidades dos sonhadores.

Onde uma ideia triunfar, ide, e ve-la-eis qual papoula, maravilhosamente vibrar como os corações de seus martires!

E assim tem sido com todas, e assim sucede com a Nossa. Raro o dia não cai uma vítima. Mas a cada peito que abatem, a cada voz que estrangulam, mil peitos e mil vezes, heróicos e possantes, surjam impetuozos a impulsivar a roda da evolução que esmagará as larvas do caminho. Quanto mais sangue esplendido, mais formosa e radiante Ela se apresentará. As idéias perseguidas, são idéias vitoriosas.

Vibre em mim, pois, ó sangue jeneroso dos abnegados, ó se menteira sublime das idéias!

Já hoje vai perdendo, felizmente, o 1º de Maio, aquele caráter que a burguesia pretendeu emprestar, e que os trabalhadores imediatamente aceitaram de «festa do trabalho».

Festejar o trabalho só pode fazer os que vivem do trabalho dos outros, os que não se esmorecem nem tuberculizam nas canecas quotidianas que são o viver do operário honesto, para quem o trabalho não é livre nem significa uma necessidade d'espirito e do corpo, simão a mais desesperadora das angustias, o mais embrutecedor dos tormentos. Não pode fazer festas ao trabalho quem vive escravo do patrón, quem produz de sol a sol e mal tem p'ros filhos alimento. O trabalho só poderá ser festejado quando represente um esforço espontâneo e segundo as forças de cada homem: quando na terra acabarem-se com os patróns e o trabalhador pizar em solo livre.

Então, sim; em festa faremos o trabalho, pois o trabalho será a alegria de viver!

O 1º de Maio é hoje um dia de protesto: não que os outros não o sejam também. Todos os dias devem ser dias de protestos para os que sofrem os males desta organização iníqua e criminosa. Relembramos, porém, nesta data uma das páginas infames da história burguesa, e devemos, portanto, firmar a nossa protestação com mais veemencia e ensinar os nossos filhos a hedienda carcaça que têm a combater.

O 1º de Maio é um símbolo. Início de uma cruzada, teve a marca-la na história com tintas de sangue, o sacrifício de vidas admiráveis que se haviam dedicado ao ideal d'emancipação humana.

Desde 1860 o operariado militante dos Estados Unidos se vinha batendo para a conquista das horas de trabalho. Da propaganda intensa surjiram cedo fortes agremiações, dentre outras a Liga das Oito Horas e dos Cavalheiros do Trabalho, que fomentaram varias greves, as quais não obstante fracassaram, despertaram vivo interesse nas classes produtoras.

Em 1870 organizaram a International dos Trabalhadores cuja orientação socialista creou novos métodos d'ação na luta encetada. E a propaganda prosseguiu, até que em 1880 foi constituída a Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá.

Em congresso de 1884, realizado em Chicago a F. T. dos Estados Unidos e Canadá, assentou a declaração de uma greve geral no dia 1º de Maio de 1886, dois anos depois de congresso, pois, em prós das jornadas de 8 horas de trabalho. Devido, porém, a intensidade da propaganda, antes da data assentada para a grande greve, muitos patróns apavorados concederam a mais de 40.000 trabalhadores as 8 horas reclamadas.

Não era tudo, porém, e a 1º de Maio de 1886 rebentou a greve geral combinada.

Nun comício monstruoso realizado entao, a polícia, essa infamia viva que personifica a hedião burguesa, carregou violentamente sobre o povo.

Formaram-se ligeiras barricadas, mas a luta desigual, pois os trabalhadores não esperavam tal envergada, obrigou-os a uma retirada.

Indignado com tal infamia, Spies, um dos devotados-batalhadores da justa e humana causa, escreveu e deu publicidade a um manifesto — A Circular da Desforra! — que levou milhares de trabalhadores a um empolgante comício em Haymarket. Diversos libertários oraram então, entre outros Alberto Parsons, Fielden, Miguel Schwab e Spies. Ora

ava ainda Fielden quando a polícia deu começo a uma série de violências. Uma bomba é atirada entre a caixada dos ricos. Um polícia morre e sete caem feridos. Trava-se o conflito. E as ruas de Chicago tinham-se de sangue as descargas incessantes dos homens da lei.

Foi iniciado um processo e nele envolvidos os oradores do comício e mais A. Fischer, Georges Enjels, Lingg & Oscar Neebe, diretores de folhas libertárias e propagandistas ardorosos.

O processo nada conseguiu provar quanto a responsabilidade no atentado, simão que professavam idéias socialistas e anarquistas — não obstante foram cinco condenados a morte, dois a prisão perpétua e um a 15 anos de reclusão.

Em 1893 por iniciativa do governo de Illinois, e com protestos da burguesia insaciável, foi feita a revisão do processo e verificada a completa inocência das vítimas. Foram soltos os reclusos e os outros... o Estado já os havia assassinado...

A 11 de novembro de 1887 ergueram o patibulo ao qual subiram serenas, aquelas figuras superiores.

Do alto do tablado, que para alguns é pedestal de glórias, disse Spies: — Salve, oh! tempos! em que o nosso silêncio seja mais poderoso que nossas vozes, que hoje sufocam com a morte!

Francisco-Alexandre.

1º de Maio

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Na tarde de 3 de maio de 1886, em Chicago, um bando de polícias atacou uma multidão de grevistas, matando um, e ferindo centenas de outros.

Para protestar contra esse assassinato, um meeting foi convocado para o dia seguinte. O «Arbeiter Zeitung», o diário de que era redator-chefe Augusto Spies, lançava este chamamento ao comício:

A guerra de classes começou. Hontem os trabalhadores foram fuzilados em frente á uzina McCormick. O seu sangue clama por vingança!

Quem poderia imaginar que os tigres que nos governam estão assim avidos do sangue dos trabalhadores!

Mais os trabalhadores não são carneiros. Ao Terror Branco eles responderão com o Terror Vermelho.

Mais vale a morte que a miseria!

Ao fuzilamento dos trabalhadores respondamos de modo tal que os nossos senhores se recordem para todo e sempre.

E' a necessidade que nos leva a gritar: «A's armas!»

Hontem, as mulheres, os filhos dos pobres choravam os seus maridos e os seus pais fuzilados. Enquanto isso, nos seus palácios, os ricos enchiham as suas taças de vinhos caros e bebiam à saúde dos bandidos da ordem...

Enxugai as vossas lagrimas, vós que sofreis!

Mostrai que tendes coração, escravos! Insurji-vos!

Foi nesse comício de 4 de maio, em Haymarket Park, que houve o tremendo conflito provocado pelo rebentar dum bomba, no qual se deram dezenas de mortes e do qual resultou o famoso processo e condenação dos chamados mártires de Chicago.

O apelo de Spies, que foi um desses mártires, constitui pois um documento histórico de interesse para todos os trabalhadores, neste dia em que relembramos a luta épica que deu origem ao 1º de Maio.

Lembrando fatos

Ainda eu ouvia o eco da sua voz argentina. Aparecia-me ante os olhos a sua figura energica: cabelos revoltos, os olhos azuis fitos no horizonte, fulgurantes, despedindo chamas, a síntese propria da Idéa, símbolo da mocidade cheia de vida e de amor, clamando, heroína da anarquia, as belas palavras de Gori:

— Transpondo fronteiras e mares, galgando colinas e montanhas, chegam até nos os suspiros dos expoliados. E das profundezas das minas, dos confins dos oceanos, das entrañas negras da terra, ouve-se rebentar, de milhões e milhões de peitos sedentos de justiça, um grito tremendo, sublime e profundo, grito que um dia ha de afinal redimir o mundo.

E de subito, um sussurro, elevando-se lentamente, transformado-se depois em um ruído de tempestade, fez-me, surprezo, voltar a vista para alémmar.

E ouvi vozes, clamores, brados de revolta: «Abajo o capital! Abajo a propriedade privada! Fóra as fronteiras! Salve a humanidade livre sobre a terra livre!»

E distinguui um cortejo de jovens camponezas, com raminhetas nas mãos, que avançavam, cantando os versos do poeta:

— Vem, ô Maio, sandam-te os povos
Em ti colhem viril-confiança
Vem trazer-nos ericula bananica
Vem ô Maio trazer-nos dias novos!

E uma delas, a mesma heroína, avançando para uma multidão de soldados de todos os países, soldados que se confraternizavam, reunidos aos trabalhadores, com uma voz metálica e vibrante, qual clarim estridente, assim falou:

— Irmãos, saúdo-vos! A voz soldados, até hontem inimigos, e que hoje comprehendestes o valor da vossa solidariedade com os trabalhadores. Não teremos que assistir mesmas a cruentes guerras entre irmãos. Transformai as vossas carabinas, os canhões e as espadas em instrumentos utiles ao trabalho, no arado para o camponez e na máquina para o operario.

Vós operarios, tomai a direção das oficinas como unicos e verdadeiros interessados na produção. A máquina, deixando de ser monopolizada pelo capitalista, vos proporcionará grande satisfação e o trabalho será para todos um recreio.

Camponezes, tomai conta dos campos, plantai e cultivai o grão, semeai o trigo bemedito para o pão da humanidade!

No trabalho livre, ao ar puro dos campos, aprendereis a amar a terra, sem egoismo, se-ress camponezes e poetas.

A NOSSA PALAVRA

Qu'importe les dangers, les haines, les infirmités, les révoltes? Nous allons et nous irons quand même, et jusqu'au bout, vers la Justice, vers la Beauté. — Mauricius.

Os imbecis da imprensa e da governança apegam-se agora ao estado de guerra como argumento supremo contra os anarquistas. Não se pode admitir, urram eles, que se pregue anarquismo num país em estado de guerra!... Onde é que já se viu isso? O argumento não vale os ossos dum perro, mas os imbecis, da sua parte, não deixam de ter a sua razãozinha. Com efeito, eles nada sabem da ação anarquista nos países em guerra, daí o seu enorme espanto e a sua santa indignação contra nós outros militantes do Brasil. Não sabem eles que na França, na Itália, na Inglaterra, em Portugal, os anarquistas panteão ativissima propaganda, pelas conferências, pelos jornais, pelas brochuras, etc., apesar da censura feroz e dos ferocios conselhos de guerra. E a notar que esses países que estão de fato em guerra, dous deles com grande parte do territorio invadido e ocupado pelo inimigo, — não como o Brasil, cuja guerra é uma guerra burocrática, de decretos, de discursos, de fanfarradas literárias e longínquas, guerra de charlatães e de vendidos, de espadachins da imprensa e de urubus da finança...

Ora, vejamos, p'ra exemplo, o que se faz na França, onde imperam Poincaré, o medeiro, e Clemenceau, o tigre. Aqui tenho ante os olhos um exemplar do semanário *Ce qu'il faut dire*, numero de 15 de dezembro ultimo. O seu formato é mesmo do COSMOPOLITA. Fundado ha perío de *dous ans* (ouvinistes, imbecis?) por Sébastien Faure e Mauricius, com uma colaboração de primeira ordem, cada numero de *Ce qu'il faut dire* vale por um atestado empolgante da coragem, da audácia, da inteligência, do brilho com que se mantém em pleno Pariz, em meio do furioso clamor guerreiro, a voz clara e altissimamente da anarquia. Eis, pois, o numero 82, de 15 de dezembro de 1917, do ardente semanário: vejamos, como amostra, que coisas traz ele, que artigos, que afirmações, que palavras...

Para começar, em fundo, um artigo de Mauricius: *Leur patriotisme*, o patriotismo burgues, Esuruoso-se ai, apesar da censura, a podridão imensa dos patriotas que fabricam armamentos e dos patriotas que fabricam a opinião pública. Krupp, Waffenfabrik, nos impérios centrais, e Schneider, na França, empregam os mesmos processos de «chantage au patriotisme», subvencionando os grandes órgãos da imprensa, os Post, os Echo de Paris, os Figaro, etc. A francesíssima *Creusot*, em 1900, um cartel com os piratas alemães Burgers, Delgrat, Friedengaus e Thysen para explorar Marrocos, e em 1910 outro cartel com Krupp, a Skoda austriaca e Bluhm Foss de Hamburgo para explorar a Russia. Eis o Figaro recebendo 30.000 francos por ano do Conde Tisza: eis o Echo de Paris mentindo a França por encomenda da associação Krupp-Schneider. E eis que desfilam ali, fustigados pelo chicote em fogo de Mauricius, homens do Estado e parlamentares, jornalistas e testas de ferro, jogadores da Borsa e da urna, que agora pedem a guilhotina para os pacifistas... «Voici le comte d'Ormesson de la Banque privée de Saint-Petersbourg, fondée avec l'argent de la Darmstetter Bank et M. Paul Doumer (o político e moralista, muito nosso conhecido, cujos livros de educação são traduzidos pelos nossos literatos e editados pelos nossos editores!) qui crée l'Union des Industries métallurgiques et minières avec les fonds da Société Générale e da Banque impériale et royale des pays autrichiens». Mais ainda: «L'Union parisienne qui traite avec la Kreditanstalt de Vienne ou le trust anglais Vickers' sons et Maxim's, Armstrong, John Brown e Cammelli Laird qui construiu e outille as usinas de Fiume em Antriche, as usinas Skoda de Pilsen e fonde la sociedade Anglo-Allemagne de dynamite». Já antes da guerra Delaisi havia posto a n'numeiráveis piratarias financeiras e belicosas, douradas pelo patriotismo da grande imprensa, em brochuras e livros documentadíssimos. Mas temia a catastrofe guerra-chamado o pudor ás ventas desses apostolos do supernacionalismo? — «Quelle illusion! — exclama Mauricius. — La guerre n'a pas arrêté les affaires, elle les a développées, surtout les sales affaires». E a caravana continua: o deputado Turnel, o patriota Bolo, a ligas do Souvenir, a liga da Rive gauche du Rhin, o juiz Monier; o general Dumesnil, que o Rappel pedia a encatação da Prussia restando a ele a elevação dos sentimentos e pela beleza da fórmula. Pois a Censura francesa não permitiu que *Ce qu'il faut dire* a publicasse, arbitráriamente que provocou as seguintes palavras colocadas no lugar da defesa censurada: «Nós protestamos energeticamente e informamos a Censura que lhe concedemos uma semana para refletir». Com efeito, a Censura refletiu: o numero da semana seguinte trazia, com algumas cortes apenas, a deteza de Adler...

A terceira página. Um artigo sobre questões sindicais, *Les délégués d'atelier*, de Marcel Vergeat; *La guerre*, velho soneto de Ponsard, pleno de indignação contra os bandidos que poussent à guerra; *Glaives et Documents* se compõem de trechos da imprensa, instrutivos uns, reveladores outros; finalmente, em rodapé, os comentários de Genold subordinados ao título geral *Ce qui se fait, ce qui se dit*.

Viremos, pois, para a quarta e ultima página. Não ha ai nenhum artigo, mas ha coisas interessantes. Além dos anuncios de livros e folhetos de propaganda revolucionária, ha ai os avisos e convocações, notícias sindicais e notas administrativas do jornal. Vejamos as coisas interessantes... «Em face das sociedades de boy scouts, dos patronatos clássicos... — em face das juventudes burguesas e políticas, onde os rapazes são entretidos por um vago espírito democrático, de conservantismo social, onde se coloca a exploração capitalista acima de tudo, deve adestrar-se a juventude operária e combater esses grupos que não dão outro resultado que fazer inconscientes, seres manejáveis e docéis». Henri Lutte, de la Jeunesse syndicaliste de la Seine). De uma ordem do dia da Union Départementale des Syndicats Ouvriers du Finistère: «...Convide a C. G. T. a sustentar uma campanha energica em auxilio aos nossos camaradas espanhóis. Enviam a estes camaradas as suas saudações sindicais e internacionais... (ai a censura meteu o lapis) — afirmam as suas simpatias ao camarada Merrheim (da minoria antiguerrista da C. G. T.), odiozamente caluniado. — Lastimam que as calúnias lançadas pela imprensa burguesa contra a revolução russa (estas ouvindo, imbecis?) não sejam seguidas de provas. — Separam-se enviando as suas saudações fraternalas aos proletários de todos os países entregues à exploração capitalista. A nós outros do Brasil nos toca um pouco dessas «saudações fraternalas», ás quais nós, como bons irmãos de classe e de ideais, procuramos corresponder, pela palavra e pela ação, apesar dos arreganhos aurelianinos, contra os arreganhos aurelianinos... De outra ordem do dia do Syndicat de l'Habillerie do departamento do Rhône: «...protesta contra as campanhas de difamação dirigidas contra os defensores da classe operária pelos jornais a soldo de capitalistas inimigos da classe laboriosa, em toda a parte os escribas gráficos se vendem a quem mais dá... — Envia uma saudação fraternal e a expressão da sua profunda simpatia aos camaradas Merrheim...» a Censura cortou o resto). Para terminar: Eis a lista das subscrições feitas em beneficio de *Ce qu'il faut dire*. Ela acusa uma entrada de 99 francos e 90, que somados as importâncias anteriores, perfazem um total de 12.596 francos e 65. Percebestes, ó imbecis? Estes milhares de francos representam o esforço e sacrificio de milhares de trabalhadores franceses

Adolfo Busse.

A defesa de Edgard Leuenroth

O que disse o ardoroso libertário quando julgado pela burguesia paulista

Dominados pela preocupação, deve ras enternecedoras de me verem livre desta tormentosa situação, aconselham-me família, amigos e advogados, principalmente estes, a que aqui me absolvesse de falar. Era esse o meu propósito. Como, porém, ainda não havia muitas horas, soube no carcere em que me encontro, há seis meses que se procuram alimentar malevolas insinuações sobre a minha atitude, resta para mim triste conjuntura, julgo do meu dever dizer, em breves palavras, o necessário para que todas as duvidas a respeito sejam dissipadas.

Os meus patronos, que me relevaram contrariar a sua vontade, com a competencia que todos lhes reconhecem, evidenciarão neste Tribunal, como já está exuberantemente feito perante a opinião publica, a clamorosa perseguição que contra mim vem sendo movida porque tenho, modestamente, mas com sinceridade e desinteresse, labatado em prol de um princípio que reputo de justiça social.

Ha, entretanto, alegações, ligeiras embora, que, em virtude do motivo espoto, por mim devem ser feitas. E é por isso que para as fazer com a necessaria segurança neste meio a que não estou afeito, poucos instantes antes de para aqui ser trazido, preparei alguns apontamentos, dos quais peço licença para me servir, pois que cursar não me seria permitido, não é necessário nem é meu propózito.

Alvejando-o com o mais intamante labéo com que se pode ferir uma pessoa de bem, pretende-se inutilizar perante a sociedade, divorciando-o do convívio da gente honesta, o homem honrado, cuja unica culpa é ter empregado os ardores de sua mocidade à nobre causa que almeja o bem estar e a liberdade para todos e cada um dos membros da coletividade humana.

Arrancando-me do concego da minha família, roubando-me ás caricias de meus filhos que, assim, ficaram sem o meu amparo, arrastando-me para este pelourinho da Justiça, fazendo-me passar pelas forcas candinas do Código Penal, como o mais vulgar dos ladriões, prezo nas malhas do artigo 356. — porque nos dias tumultuosos de julho transato, a multidão exasperada se apossou violentamente, em certo ponto da cidade, de um portão de mercadorias, cujos preços os açambarcadores desumanos fizeram subir assustadoramente.

Para se levar a cabo semelhante injustiça, procuraram estabelecer uma inconcebivel concesão entre os principios libertários que espôz e me esforço por divulgar e os atos praticados isoladamente por individuos que, atentando contra o vidente réjimen de propriedade, se apossam de couzas para proveito proprio.

Não permitem os estreitos limites desta alegação uma exposição sobre a formidavel grêve da nove meses,

zes empenhados na manutenção dum baluarte nitidamente anarquista, portanto antiguerrista e revolucionário. Mas vale a pena ver como alguns subscriptores assimiam na referida lista: *Un gardien d'Allemagne, Un anarchiste de plus, D... militaire, attendez hem : Collecte effectuée à la Cie B, du 5. génie... Ai tendes, indignados variés que nos reprochais a propaganda anarquista no Brazil guerreiro : na França, que tem parte do territorio ocupado pelo inimigo e cuja população em peso se acha ao serviço da guerra, voluntariamente ou não, na França são os próprios soldados que realizam coletas entre si para sustentar um orgão defensor da anarquia e da revolução!...*

Creio clarissimo esse exemplo de *Ce qu'il faut dire*, com o seu redator principal na cadeia, os outros sob ameaça constante, mas erguendo bem alto, em pleno Paris, o seu grito inabalável de rebelados. Podia citar outros exemplos, mesmo da França, e da Italia, da Inglaterra, de Portugal, da America do Norte, onde a repressão burguesa se exerce violentissima. O exemplo francês é, porém, o mais característico, pelo meio em que se desenvolve e pela forma em que se manifesta. E porque diabo nós, militantes deste paiz, não havemos de continuar e intensificar a nossa obra de propaganda? Se nos países realmente em guerra essa obra prossegue, vigorosa e irreductível, — nós aqui é que devemos parar, em consideração a esse equivoco e ridículo estado de guerra em que um punhado de salafriões lançou o Brasil? Não! não! prefiguramos combater ao lado de Faure, de Mauricins, de Merrehem, ao lado dos camaradas de Italia, de Portugal, de Inglaterra, da America, a calar-nos e encolher-nos ante os belos olhos do sr. Wenceslau ou petrificá-los ante o patriotismo das gazetas estipendiadas pelo sr. Lafont... Esbravejsem os pulhas e os quadrupedes escocinhem: a propaganda anarquista ha de ser feita, queriam ou não queriam, apesar de tudo e contra tudo. Não nos demovem a calunia, nem a cadeia nos intimidará. Ainda encerrados nos calabouços, punhos agrilhados, a nossa palavra ha de ser clamada, ha de atravessar as grades da prisão e ha de repercutir no seio jeneroso da massa martirizada. Porque a nossa palavra se inspira no tente eterna do ideal e sai-nos quando o coração a escaldar os corações humildes e sofredores, lamíntos de pão e de justiça...

Astrojildo Pereira.

O que ele propugna é a espropriação em obediencia à razão de utilidade publica, feita pelo povo num movimento jeral de caráter transformador e para proveito de toda a comunidade e não para gozo deste ou daquele individuo.

O comunismo-libertário, que surje do amago de vida social como um protesto espontâneo das mizerias da massa e dos anceios de liberdade, de inteligências jenerosas, tende, como se vê, a socialização de todos os bens acumulados pelo esforço injete de todas as jerações, estabelecendo-se uma imensa conciliação de interesses e uma harmonia de direi-

U. G. T. DO RIO DE JANEIRO

AO Povo em geral

Convidamos todos os trabalhadores para a grande reunião de 1 de Maio à 1 hora da tarde no teatro *Maison Moderne*.

E um dever de honra o comparecimento em massa, visto ter sido decretado o feriado dos trabalhadores por todas as associações operárias.

A COMISSÃO.

tos sem nenhuma abdicação ou renúncia de indivíduos.

Os homens assim se organizariam sobre as bases dos livres pactos, coordenando as energias e as inteligências com o fim de conseguir o massimo de bem estar social e a maxima liberdade individual.

Repetir-se-á aqui que se tem dito algures — que tudo isso não passa de uma utopia acalentada por impenitentes sonhadores. Seja, mas nunca se poderá, sem se praticar uma clamorosa injustiça, acionar de criminoso esse ideal e condenar alguém como ladrão por ser dele adepto, por quanto a sociedade porque os anarquistas se batem, o roubo, que é um fruto da atual ordem de coisas, apenas terá existência como uma triste recordação das couzas ignobres dos nossos tormentosos dias.

Se por sustentar estes princípios me quizerem conservar na prisão, angustiando minha família, impossibilitando-me de amparar minhas crianças, não me sentiré desonrado por isso, pois que, com essa inconcebivel violencia, me incluirão na falange imensa dos numerosos lutadores das causas nobres, perseguidos por terem sabido sustentar imperturbavelmente as suas convicções.

O proprio Cristo, cuja imagem prezide este Tribunal, condonado mais conhecido reformador social que como reforçador rolíjozo, foi, sob este aspecto um libertario e, como tal, abraçando a causa dos pobres e dos humildes, deu combate decidido aos grandes da época, fazendo-se pregueiro da igualdade entre os homens.

Assim, se o bíblico filho do carpinteiro da Galiléa nacido na escuridão de Belém, surgiu na vida para zurzir a lata de os fariseus destes negros tempos e espalhar os modernos vendilhões do templo, por certo não fujiria as penalidades do artigo 356, pois é das sacras escrituras a sua sentença de que é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que entrar num arjentário no reino do céu...

Se o espírito de classe ou a tendência conservadora dominante obliterasse o senso de justiça dos que me vão julgar, arrastando-os a firmar o «vereditum» de minha condenação por ser adepto e propagar o ideal libertário, levemente deveria ter para meus companheiros de prisão os editores e livreiros que por toda a parte divulgaram esse ideal.

Tal, porém, confio que, para salvaguarda do bom nome desta terra, não sucederá, pois é de esperar que os cidadãos a quem minha liberdade está dependendo não secundarão a obra odiosa daqueles que, animados por um falso criterio de autoridade, foram arrastados á prática de inqualificáveis violências.

Não me podendo fazer abdicar do exercicio de um direito irrecusável e consignado na Constituição do paiz, como seja o da propaganda de ideias, trousseram-me até á barra deste Tribunal sob uma insustentável quão infame imputação.

Acuzam-me de mandante dos assaltos que a massa exasperada praticou no bairro da Mooca num dos dias de convulsão da greve jeral, e eu com a honestidade de homem que jamais fui júnior responsabilizada dos seus atos, mesmo nos momentos mais melindrosos, afirmo, de cabeça alta, que inteiramente falsa a acusação que me trouxe até o juri. No dia dos assaltos nem sequer estive no bairro da Mooca, e na minha ação de propagandista nunca conselhei ninguém á prática de atos nos quais eu não tivesse participação direta.

Pela leitura dos autos ver-se-á de que recursos vergonhosos se lançaram para me implicarem neste processo. Chegou-se ao cumulo de ir arrancar ao monturo social um desses desgaçados que a tudo se prestam, desde o olimpo papel de espião policial até á castrense mal distorcida.

Entretanto, como todo homem de sentimentos nobres, embora deles discordando, não pode deixar de reconhecer o fundo de justiça dos princípios renovadores pelos quais me bato, e como nem todos os males que nos ator-

O começo do fim...

Já devem ter, a estas horas, todos os trabalhadores, e muito principalmente os do Centro Cosmopolita, um conceito sincero e lúcido, no respeitante ás leis.

Essa serie de desastres em que a burguesia tem escorregado nesses últimos tempos, acentuando nesses últimos dias a sua irremissivel delinqüencia, devem, por certo, ter levado os indefessos proletarios ás conclusões que o bom senso não pode recuar. Quem ainda alimentava no seio de suas esperanças, a de ver, por maois do Estado, melhorias deramadas sobre o seu triste viver, deve, a estas horas, sentir-se esgarçado aos clarões da verdade, qual figura nebulosa e fantástica o é.

Não mais devem nem podem restar duvidas no espírito dos trabalhadores quanto á ação do Estado com todos os seus órgãos de tirania e escravidão.

Cracão e garantidor, filho e capanga da burguesia, base do capitalismo e de todas as atâncias deste dinamarca — o Estado, não pode com suas leis e queijudos, senão beneficiar e proteger essa mesma burguesia que o sustenta. Para os trabalhadores que clamam contra as agruras en que de constante se batem, uza ele, colarde e hediondo que é, dos artimanhos dos canthalas e cínicos refeces.

Engana-os enquanto pode, e, quando falmintos e divinamente rebeldados se apresentam em praça pública firmando soberbamente os seus direitos e agitando o trapo de suas revoltas deslumbrantes, o monstro entao aparece tal qual é: e os soldados assassinos, e as carabinas estrujam...

Esperar do Estado outra couza que opressão, cadeias ou bala, eis a enganadora vizinha, da qual já se vai, feitamente, livrando, merece das proprias traíções que tem sofrido, o trabalhador intelectivo.

E os que se arranjementam no Centro Cosmopolita, recehendo agora a admiravel lição que o proprio Estado, num atordamento natural de *fin du siècle*, tão desastradamente proporcionou, não esperaria, d'ora avante, senão os frutos de suas proprias vontades e os resultados dos seus esforços concientes.

mentam são culpa individual de quantos se acham identificados com a atual sociedade, pois que se verificam não por espirito de malvadez dos mesmos, mas em consequencia da iniquidade do vigente sistema economico-social, espero que não se complete aqui a perseguição inominável de que estou sendo vítima, fazendo com que os mens patim se reflitam em quantos me são caros e que teriam razão para jamais se esquecerem daqueles que contribuissem para conservar na prisão quem é reu apenas de ter até hoje batallado pela felicidade de todos os homens.

Processando-me, teve-se em mira desmorilar com um labéo infamante o modesto militante operario, pretendendo-se conservar no carcere o propagandista e não o ladrão inexistente, pois que se trata evidentemente de um processo de idéias. E esse foi a razão que me induziu a fazer estas alegações, que me permitem dizer, com a mesma serenidade com que tenho suportado os agressões desta situação, que não será o carcere que abalará as minhas convicções.

Antes pelo contrario. Na prisão terei podido observar, cheio de angustia, muita indignidade e indescritíveis mizerias oriundas dos vicios desta sociedade.

E atravez das grades da cadeia que amargurado, vejo umas pobres creanças maltrapilhas e esquiladas, com a dor estampada nos seus magros rostos ao verem seu pai encarcerado, à espera dos restos de pão catados de pressa para que elas possam ter a mizeria sopa que a pobre progenitora lhes dá para enganarem o estomago.

E é por praguejar o advento de uma organização social em que o bem estar será um patrimonio comun, em que não mais as cruezas não esmolam restos de pão ás portas dos carceres, que me arrastaram até ás barras este tribunal como um vulgar crânio.

Serei condenado? Espero que não.

Entretanto se tal injustiça se praticasse, ma s razão terá para amaldiçoar o fundo da minha cela a sociedade que rouba um homem honesto ás caricias dos seus filhos, pr vando-os do seu arimo.

E quanto julga necessar o dizer, como lhe ja afirmação da sua integridade moral, o obscuro criador que a malvadez de certos homens, invadidos de mandatos autoritarios, aponta como um atrablar o, um energumeno, um contumaz da desordem publica, e isso porque ele, descurando o seu socego, a sua lerdade e a sua saude, vem emprestar o seu entuziasmo á defesa da causa do proletario laboroso e sofreador.

Não me detere em observações sobre o processo, porque, sentndo-me superi a tanta baixa, não aceito, nem sigo em h potese, a imputação erimiza que me arrastou ao juri. Os meus advogados, pelo seu dever profissional e com indiscutivel competencia, se encarregão de dissecar devidamente esse aborto monstruoso.

Brindados com uma lei que lhes viria trazer, como que um momento de treguas no meio de tão pezadas lidas e dissidores — um dia de descanso, depois de seis dias de constante e penoso labutar, um dia para o convívio da familia, dos amigos, dos livros, e, q n sei? mesmo para ossejear os pulmões de tanta pestilencia e cobardia, essa lei que não dava vida mas retarjava a morte dos que enriquecem e fazem a felicidade social de meia duzia de cedavandis perversos; essa lei que não devia existir jamais, pois que para vergonha eterna de nossa especie é que existem as canhas miseraveis que a determinaram: essa lei foi relaxada pelos proprios que a fizeram, tachada de *inconstitucional*, pois vinha ferir de cheio os interesses da gente honrada que sustenta a governança...

Que importa essa multidão que vive farta da luz, que vé o sol as furtadelas, beija os filhos as carreiras, e existe, a seu dizer, p'ro patrão? São infelizes, humildes, como diz a imprensa deles — essa sentiu manzebanda, humildes bem mercedores de umas ticas melhorias, mas, que quer? o Estado é a burguesia, e aquele não pode ir contra este... Ha de convir...

E o trabalhador vê a lei feita comum, réles comum em que os pasteleiros sentam as amas e espediram á valer, a pleno gozo! Os junes são rafeiros que lhes vem lambuz os dedos que vendem suas decízios por um chopp, ou alguns niqueis, dados á noite, quando voltam dos bodeus bebedos e esbalinhados...

E em face de tais couzas, inda apelar p'ro Estado?

Inconsentes! O Estado é caduco, trabalhadores, fogo ao Estado!

E' a vossa força, só a vossa força que poderá partir os gritinhos que vos enjoram, as afresas que dilaceram as carnes, os lumes que vos vos direito á viva...

E essa força só a conseguireis unidos. Sede fortes. E depois, dai de hombro a todos essas infâncias que os homens más urdiram e desenvolvem, e proclama, desassombroadamente, vosso direito á vida!...

Alex.

O Cosmopolita'

Assinatura anual: 5S

O COSMOPOLITA encontra-se à venda nos seguintes pontos:

Café Critérium (engraxate).

Praga Tiradentes, 69 "Chic Bihares".

Largo da Carioca (ponto de jornais Café Vitoria)

Avenida Passos esquina de M. Floriano (engraxate).

A DATA

Ha trinta e dois anos passados, a 1 de maio de 1886, declarava-se em toda a America do Norte um dos mais formidaveis movimentos grevistas que a historia traiça das lutas proletarianas registra.

Centenas de milhares de operarios, preparados por uma ajitacao colossal que durava meses, abandonavam o trabalho, em massa, naquele dia memorável, unidos pela mesma aspiração e arrastados pelo mesmo impulso.

Jeneroso impulso, justissima aspiração: um pouco mais de bem estar para os trabalhadores, um pouco mais de ordem na distribuição do trabalho.

O proletariado americano clamaava pela implantação, em todas as industrias, em todas as fabrucas, em todas as oficinas, do regramento de 8 horas de trabalho, medida elementar de higiene e de equidade, de caráter jeral e humanitário.

Pois bem: a esse clamor de peitos exaustos, a esse jesto de musculos fatigados, a esse protesto de carnes doloridas, a burguesia daquele paiz democratico, pelo braço dos seus governantes, respondeu com chumbo, com espadearidas, com cascos de cavalo!

Inevitavel o conflito, o proletariado aceitou a luta tal como a ofereciam. E o choque se deu, encarniçado e cruel...

O sangue rubro do povo tinju as pedras das calçadas, como um signo da infâmia burguesa, como um grito a reclamar vingança aos séculos!

Saibamos tambem nós, neste dia de tais lutozas e sanguinolentas recordações, expressar bem alto a nossa voz de dor e de indignação, de energia e de solidariedade aos proletarios de todo o mundo.

Saibamos lembrar os nossos mortos! Saibamos honrar os nossos martires!

Cezario Flama.

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas
Polar,
Gascatinha,
Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na
 propria nascente

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
aguas de meza

RIO DÃO O vinho de meza
 preferido
 IMPORTADORES
J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
 e nutritiva
PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA
 E "COM ELAS E SEM ELAS" — ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 — Telephone 3229

RIO DE JANEIRO

+ SEMPRE NA PONTA +

DURAN & BARBOSA



CERVEJARIA BRAHMA
 Recomenda as suas afamadas marcas:
 Brahma - Brahma - Teutonia - Fidalga - Malzbier - Brahma Porter
 Que são as preferidas pelas pessoas de
 bom gosto